

O PERCURSO DA GRAMATICALIZAÇÃO NAS CONJUNÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

Alfredo L. M. Portugal¹
Ingrid Kelly de Oliveira²

Orientador
Prof. Msc. Ricardo Nascimento Abreu³

RESUMO

O referente artigo propõe lançar-se sobre a discussão do processo de mudança das palavras através dos estudos de gramaticalização como ponto de partida para uma alteração mais ampla que paira a ausência de diálogo entre a Lingüística e o ensino das línguas em Sergipe, visivelmente encontrado nas falas acadêmicas e nas práticas de ensino do ainda graduando e do já graduado profissional das Letras. Metodologicamente de forma revisada, o percurso que se segue iniciado na caminhada pelo embasamento teórico e finalizada nesta produção, estabelece conexões provocativas elementares para o entendimento do que seja Gramaticalização, seus conceitos e nuances especificamente e faz uma leitura do que seja o ensinar língua sem dialogar com a Lingüística.

Palavras-chaves: Gramaticalização; Ensino; Lingüística; Língua Portuguesa.

ABSTRACT

The article proposes referring launch on the discussion of the change of words through the study of grammaticalization as a starting point for an altercation broader faced the absence of dialogue between linguistics and language teaching in West Virginia, visibly found in lines academic and practice of teaching of graduate and still have graduated from vocational Lyrics. Methodologically on a revised, the route which follows initiated by the hike in the theoretical basis and finalized in this production, provocative down elementary connections to the understanding of what is grammaticalization, its concepts and nuances and specifically makes a reading of what is the teaching language without dialogue with the linguistics.

Key words: Grammaticalization; Education; Language Portuguese.

¹ Acadêmico do sexto período de Letras Português da Universidade Tiradentes – Unit. Aracaju/Se.

² Acadêmica do sexto período de Letras Português da Universidade Tiradentes – Unit. Aracaju/Se.

³ Professor Mestre orientador do projeto; coordenador do curso de Letras Português da Universidade Tiradentes, onde também leciona disciplinas voltadas para a área lingüística.

INTRODUÇÃO

As línguas mudam. As escolas, especificamente os professores de Língua Portuguesa, não conseguem acompanhar ou não vem conseguindo dar explicações a alguns avanços próprios da Lingüística e da Língua Portuguesa de maneira distinta, como, por exemplo, o domínio das variações e mudanças lingüísticas de determinadas palavras existentes no vernáculo brasileiro.

Essa preocupação é fruto de uma realidade: o ensino de Língua Portuguesa no Brasil não dialoga com a Lingüística e se torna aprisionado a gramáticas normativas e livros paradidáticos. Essa posição condiciona a relação ensino/aprendizagem e professor/aluno à ausência de explicações científicas ao processo de, por exemplo, variação e mudança, como dito anteriormente, e como também nas distinções básicas entre morfologia, sintaxe e outros componentes lexicais da Língua Portuguesa ministrados nos ambientes escolares brasileiros.

A importância desse artigo se configura inicialmente na exposição clara de antigos conceitos diferenciados e excessivamente confundidos por muitos; na apresentação do processo de gramaticalização e suas nuances de uma forma proximal e didaticamente separada para o melhor entendimento do leitor.

Logo, metodologicamente, essa construção intelectual apresentará de forma interpretativa, argumentativa, dissertativa, aferindo-se aos aspectos que tangem o acesso a informação ao foco principal de análise apresentado: o percurso da gramaticalização nas conjunções em língua portuguesa.

Assim, a Gramaticalização enquanto objeto de análise e reflexão traz consigo a contribuição necessária para o reforço teórico eminente e peculiar do assunto específico e contribui de forma significativa para ampliação crítica do ainda acadêmico ou do já professor de Língua Portuguesa em Sergipe no tocante às práticas de ensino.

De forma revisada, faz-se também uma passagem teórica pelo processo de Gramaticalização trazendo as funções, os conceitos, os critérios apoiados na exemplificação do caso da conjunção *'porém'* e, ao mesmo tempo, expondo possibilidades de apresentação do tema durante práticas letivas, através de respostas pertinentes e condizentes aos anseios e questionamentos indispensáveis ao alunado.

Munidos desse tripé informacional: relativo ineditismo para com o público alvo local, cientificismo coerentemente embasado nos referenciais teóricos e publicização da informação para com a academia; torna-se fundamental a ampla discussão dos equívocos no estudo da disciplina Língua Portuguesa tal qual a prática mecanicista e de incentivo à memorização pura e simples de regras gramaticais, como mais uma justificativa plausível e de sustentação da discussão aqui iniciada.

Não obstante, é possível afirmar com veemência, através das práticas de campo nos estágios obrigatórios e das discussões lingüísticas de sala de aula, que o processo de gramaticalização tornou-se e torna-se objeto não identificável nos discursos docentes de Ensino Médio e Fundamental. O que remete ao leitor o pensamento reflexivo de um inexistente “diálogo” ou, se preferir, nesse existente silenciamento que tange o ensinar gramaticalização e seu processo.

Com isso, propõe-se aqui a abertura da discussão nos espaços de estudos das Letras, ou a retomada dessas discussões, que hoje não são freqüentes nesses mesmos espaços – e aí de nada adiantará tal reflexão ser levantada sem que esta se torne pública – a respeito da gramaticalização e as práticas de ensino desfocadas e miopemente distantes dos princípios lingüísticos necessários.

É dado aqui um passo importante para o entendimento, reflexão e prática de uma temática pouco discutida, pouco abordada no Estado de Sergipe e por assim ser, responsabiliza o desencadeamento da presente realidade educacional/letiva local, no tocante

ao ensino da Língua Portuguesa em sala de aula e ao domínio das referências lingüísticas necessárias a estes profissionais; referências estas, aqui interpretadas de forma ilustrativa pelo não domínio do processo de gramaticalização.

GRAMATICALIZAÇÃO: DA FACILITAÇÃO DO SABER AOS CRITÉRIOS E PRINCÍPIOS REGENTES

Tornar agradável e proximal o tratamento com o processo de Gramaticalização é, antes de tudo, fazer um passeio distintivo entre sincronia, diacronia, variação e mudança, por uma série de questões, que estarão entrelaçadas de forma implícita ou explícita no foco analítico.

Dentre estas questões a mais importante pode-se destacar por sua idéia conclusiva e principiante ao mesmo tempo: não existe Gramaticalização sem que exista mudança; aquela, por sua vez, “se instaura no momento em que uma unidade lingüística começa a adquirir propriedades e formas gramaticais ou, se já possui estatuto gramatical, tem sua gramaticalidade ampliada.” (GONÇALVES, 2007, p.16)

E aí sim, embasados dos conceitos mais simples da Língua Portuguesa e agora iniciando o caminhar por questões lingüísticas da variação, da sincronia, da mudança, da diacronia, da homogeneidade, da heterogeneidade, inicia-se o desenvolvimento do clímax deste trabalho que é a exploração dos critérios e princípios regentes da gramaticalização para a facilitação deste saber.

Desse modo, principiar a discussão de tais conceitos submeter-se lúcida análise de Coseriu (1979) quando aponta que a língua nunca está pronta. Ela é sempre algo por refazer:

A cada geração, ou mesmo em cada situação de fala, cada falante recria a língua. Dessa forma, ela está sujeita a alterações nessa recriação. Por outro lado, depende de uma tradição, já que cada falante diz as coisas de determinada maneira e grande parte porque é daquela maneira que se costuma dizer. Há então u delicado jogo de continuidade e de inovações, estas sempre em menor número. (COSERIU, 1979)

Quando o teórico estabelece essa análise ele contribui significativamente para a abertura de distribuição dos conceitos aqui reparados, pois quando ele afirma que a língua nunca está pronta. Ela é sempre algo a refazer, implicitamente ele refere-se aos conceitos de

variação e mudança, aos quais Labov idealiza seu estudo de maneira efetivamente relacional como se vê na citação da página posterior:

Toda língua apresenta variação, que é sempre potencialmente um desencadeador de mudança. Como a mudança é gradual, é necessário passar primeiro por um período de transição em que há variação, para e seguida ocorrer a mudança. (LABOV in FIORIN, 2007, p. 149)

Para aclarar estas relações e estabelecer conceitos concretos, primeiramente, a variação está ligada a sincronia: quando se tem a idéia de variação e sincronia juntas, tem-se uma abordagem da língua voltada para um dado momento de tempo e descreve-se ela tal como é encontrada nesse momento. Não é preciso tratar-se do momento presente, por exemplo, pode-se construir uma descrição do português atual, como se pode construir uma descrição de um determinado período de tempo anterior.

Do mesmo modo, em um segundo momento, ao tratar de mudança e diacronia correlacionadas, trata-se da dimensão temporal da linguagem, ou seja, na perspectiva da mudança e da diacronia inseparáveis encontram-se estudos ligados às alterações da língua ao longo de um determinado período.

Os critérios e princípios que facilitam saber o processo de gramaticalização

Tal qual todo e qualquer conceito, critério, princípio, teoria e outros; que se apresentam no campo das ciências humanas estão sempre sujeitos a reforços aprovativos ou discordâncias criteriosas. Uma característica eminente ao campo da interpretação ou campo interpretativo das ciências na qual a Lingüística e a Língua Portuguesa estão inseridas.

Assim sendo, ao estabelecer uma discussão sobre os critérios e princípios que regem o processo de gramaticalização, optou-se nesse trabalho por apresentar as idéias

embasadas no conhecimento e no posicionamento de Lehmann e Hopper, pela coerência e completude dos estudos feitos por ambos. Os critérios analisados por eles buscam identificar ou delimitar o campo da investigação dentro do campo maior da mudança.

Lehmann propõe critérios para aferir o grau de autonomia de formas e estágios mais avançados de gramaticalização:

Lehmann (1995 [1982]) define a gramaticalização como um processo que transforma lexemas em formativos gramaticais e formativos gramaticais em mais gramaticais ainda. Sincronicamente, ela deve ser tomada como um princípio de acordo com o qual subcategorias de uma dada categoria podem ser arranjadas em uma escala, representada pelo símbolo $x > y$, usado para expressar que *y é mais gramatical do que x*, subentende-se daí um processo evolutivo da forma *x a y* (GONÇALVES, 2007, p.70).

Assim, Lehmann utiliza-se de parâmetros formais para a análise da autonomia dos itens lexicais, essa autonomia é postulada como contrária a seu estatuto de gramatical. Ao se analisar autonomia de um signo, mede-se seu grau de gramaticalidade. Os parâmetros utilizados por Lehmann são, no eixo paradigmático: integridade (peso), paradigmaticidade (coesão) e variabilidade paradigmática. No eixo sintagmático são: escopo (peso), conexidade (coesão) e variabilidade sintagmática.

Já para Hooper, por exemplo, gramática das línguas é sempre emergente, ou seja, novas funções para formas já existentes estão sempre emergindo. Dada esta concepção, os processos que levam a gramaticalização não se diferenciam daqueles que proporcionam a modificação semântica:

A questão é: desde que a gramaticalização é sempre uma questão de grau, não um absoluto, as questões que controla essa gradação não se restringem à gramaticalização, mas simplesmente a critérios gerais de mudança. A observação dessa observação é que não há partes para uma língua (módulos, estratos etc.) que sejam alvos distintos para a mudança, sujeitos a um tipo especial de mudança, e assim por diante; isto por sua vez deve ser visto como um argumento contra estruturas holísticas estáveis de gramática. (HOOPER, 1991, p. 33)

Os objetivos de Hooper suplantam as afirmações de Lehmann, pois focalizam a gramaticalização em seus estágios iniciais e mostram a difusão entre os fenômenos lexicais e gramaticais.

Hooper defende parâmetros diferentes dos defendidos por Lehmann para a análise dos processos de gramaticalização, conferindo aos elementos analisados o grau de gramaticalização sofrido por eles, não visando verificar se eles pertencem ou não à gramática. Os parâmetros propostos por Hooper são: estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização. Acompanhe as conceituações segundo Hooper:

Estratificação: ocorre quando, num domínio funcional amplo, novas “camadas” (gramaticalizadas) emergem e coexistem com as antigas (não gramaticalizadas). A estratificação não surge para a eliminação das formas antigas e a substituição pelas formas novas, mas pelo “amontoamento”, num mesmo domínio funcional, de formas diferenciadas, mas que possuem praticamente o mesmo significado.

Divergência: ocorre quando a unidade lexical que dá origem ao processo de gramaticalização pode manter suas propriedades originais, preservando-se como item autônomo e, assim, estar sujeita a quaisquer mudanças inerentes a sua classe, inclusive sofrer um novo processo de gramaticalização.

A estratificação remete às diferentes codificações de uma mesma função, enquanto a divergência remete aos diferentes graus de gramaticalização de um mesmo item lexical e é aplicável aos casos em que um mesmo item lexical autônomo se gramaticaliza em um contexto, deixando de fazê-lo em outros.

Esse princípio explica a existência de formas etimologicamente iguais, porém funcionalmente divergentes.

Especialização: esse princípio tem relação com a questão do estreitamento da escolha de formas pertencentes a um mesmo domínio, ou seja, relaciona-se com o

estreitamento de opções para se codificar determinada função, à medida que uma dessas opções começa a ocupar mais espaço porque mais gramaticalizada. Em outras palavras, é o aumento na frequência de uso na forma mais adiantada no processo de gramaticalização.

Persistência: ocorre quando a manutenção de alguns traços semânticos da forma-fonte na forma gramaticalizada, o que pode ocasionar restrições sintáticas para o uso da forma gramaticalizada.

Descategorização: remete à perda, por parte da forma em processo de gramaticalização, dos marcadores opcionais de categorialidade e de autonomia discursiva. A forma em gramaticalização tende a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e os privilégios sintáticos que categorizam as formas plenas como nomes e verbos, vindo a assumir atributos das categorias secundárias, ou seja, mais gramaticalizadas.

A não aplicação dos parâmetros de Lehmann implica na aplicação dos de Hooper, o que mostra que os critérios utilizados por ambos são complementares, o que vai definir a aplicabilidade de cada parâmetro nos estudos acerca da gramaticalização será a necessidade e o objetivo do pesquisador.

DA TEORIA À PRÁTICA: O CASO DA CONJUNÇÃO “*PORÉM*” COMO OBJETO DE ANÁLISE

As conjunções apresentam-se como uma classe de palavras muito sugestivas para abordagem de estudos sobre o processo de gramaticalização sofrido por elas.

Ao se analisar isoladamente o processo evolutivo sofrido pela conjunção “*porém*” busca-se despertar interesse, principalmente dos professores das letras, para o estudo geral da gramaticalização nas diversas classes gramaticais assim como, o estudo isolado para cada item e subitem das mesmas.

Esse estudo tornaria os professores mais bem preparados para ministrarem suas aulas, pois, ao obterem o conhecimento dos fenômenos evolutivos ocorridos na Língua Portuguesa, estariam em contato com a história lingüística de cada caso, o que facilitaria o entendimento do profissional possibilitando ao mesmo dar explicações lógicas e cabíveis para as possíveis dúvidas suscitadas pelos alunos.

Desta forma, o grau de aprendizagem seria mais satisfatório, já que se descartaria a possibilidade de se manter os alunos com dúvidas desnecessárias por falta de conhecimento dos professores que, por sua vez, acabam por atribuir uma excessiva complexidade à gramática normativa.

Para cada classe gramatical fixasse em uma determinada forma e assumir determinada função sintática há uma explicação histórico-evolutiva cabível, e não somente uma convenção aleatória criada pelo homem.

Utilizando como fontes gramáticas adotadas para o Ensino Médio e Fundamental serão conceituadas as conjunções:

Conjunção é a palavra ou expressão que relaciona duas orações ou dois termos de mesmo valor sintático [...] conjunção é a palavra invariável usada para ligar orações ou termos semelhantes de uma oração. (NICOLA, 1997, p.232; CEREJA, 2005, p.190)

A Norma Gramatical Brasileira – NGB divide as conjunções em COORDENATIVAS (que ligam orações independentes) e SUBORDINATIVAS (que ligam orações dependentes, sendo uma a principal e a outra a subordinada). A tradição gramatical subdivide as conjunções coordenativas em: aditivas, alternativas, conclusivas e explicativas.

Ao se trabalhar as conjunções em sala de aula, é comum o surgimento de dúvidas quanto a sua função, pois em diversas orações a função desempenhada pelas conjunções assemelham-se à dos advérbios, gerando muitos questionamentos e, por conseguinte, a falta de uma explicação sensata ocasionará o não entendimento do conteúdo ministrado.

José de Nicola e Ulisses Infante em “Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa” já alertam os estudantes para possível dupla função de algumas conjunções, que podem assumir valores diferentes passando a atuar como advérbios. Esse alerta possibilita a percepção de que o valor das orações pode, muitas vezes ser transferido para esses conectivos.

A conjunção “*porém*”, o objeto de estudo desse artigo, é classificada como conjunção adversativa, que tem como função estabelecer entre as orações uma relação de oposição contraste. Mas, alguns estudos mais aprofundados acerca dessa conjunção permitem perceber que a mesma já possuiu valor de advérbio, confirmando a possibilidade suscitada de que as conjunções como são conhecidas hoje, foram os advérbios de ontem e, portanto, passaram pelo processo da Gramaticalização:

Porém é um articulador de coordenação que tem estatuto categorial discutível: enquanto a tradição gramatical o classifica como conjunção coordenativa, os estudos descritivos o consideram advérbio juntivo (NEVES, 2000). Essa natureza imprecisa de *porém* pode ser justificada como resultado do processo de sua constituição. (GONÇALVES, 2008, p. 99)

A conjunção *porém* advém do advérbio latino *proinde* e, desta fonte adverbial preservou o sentido de explicação ou conclusão. Com o decorrer do uso, o *porém*

(poren/porende no português arcaico) sofreu transformações semânticas passando a estabelecer oposição de idéias, assumindo então a função de conjunção adversativa.

Ao se tomar conhecimento dessa mudança os professores de Língua Portuguesa passarão a entender o porquê da dúvida quanto à função desempenhada pelo *porém* em diversas orações. A explicação para esse questionamento se dá quando é tomado o conhecimento do seu processo histórico-evolutivo.

O estudo histórico do processo evolutivo da conjunção *porém* revela que durante muito tempo essa partícula possuiu exclusivo valor explicativo-conclusivo (proveniente de seu valor etimológico).

Com o passar dos tempos, a expansão máxima dos contextos e submetendo-se à influência direta dos falantes, o *porém* passa a assumir simultaneamente valor explicativo-conclusivo e adversativo, a depender da oração em que estivesse inserido. O valor da oração era atribuído à partícula.

Após alguns anos essa ambigüidade foi desfeita e o *porém* passa a possuir exclusivamente valor adversativo.

Os estudos dos processos das mudanças lingüísticas ocorridas nas atuais conjunções revelam que as mesmas são originárias de advérbios que gramaticalizaram-se até assumirem o papel de conectivos de orações que estabelecem diversas relações de sentido.

Assim segue: TABELA 1 - GRAMATICALIZAÇÃO DE *PORÉM*.

Séc. XII	O <i>porém</i> (porende/poren) possuía valor adverbial explicativo-conclusivo, assumindo o mesmo valor de “por isso” ou “portanto”. Não há amostras dessa época que revelem valor adversativo em <i>porém</i> . Quando os falantes necessitavam construir orações que exprimissem relação de adversidade utilizavam-se das partículas <i>mas</i> , <i>ante</i> ou <i>pero</i> .
	Ex.: E quando Estor viu que se guisava de batalhar assim a pee como estava, prezou-o mais que ante e esmou que era alguu dos da Mesa redonda; e porém quis saber quem era, ante que i mais fizesse (13DSG:39) [<i>E quando Estor viu que se preparava para lutar assim a pé como estava, prezou-o mais do que antes e pensou algum daqueles da Távola Redonda; e por isso quis saber quem era...</i>]
Séc. XV	O <i>porém</i> mantém seu valor explicativo-conclusivo. Através dos estudos em algumas amostras, descobre-se que <i>porém</i> começa a possuir um valor ambíguo, ora assumindo valor causal explicativo (= por isso) ora assumindo valor adversativo(= apesar disso).
	Ex.: E dise-lhe o tirãno que, se nō cessasse de chamar o nome de Jhesu, que lhe mãdaria talhar a lingua, e dise-lhe Sancto Ignácio: Posto que me talhes a lingua, nō cessarey poren de chamar o nome de Jhesu, porque o tenho scripto emno meu coraçom (14OE:10) [<i>E disse-lhe o tirano que se não parasse de chamar o nome de Jesus, que mandaria cortar-lhe a língua, e disse-lhe Santo Inácio: ainda que me cortes a língua, não pararei por isso/ apesar disso de chamar o nome de Jesus</i>].
Séc. XV	Século que se comprova a Gramaticalização de <i>porém</i> , pois o mesmo passa a ser aplicado em diversos contextos com função diferente da empregada anteriormente. Pela força do uso seu valor já aparece sem ambigüidade e passa a assumir exclusivo valor adversativo (= apesar disso).
	Ex.: Este Rei acreçentou muito nas comtias dos fidallgos, depois da morte del rei seu padre, ca nom embargando que el Rei Dom Affonssso fosse comprido d'ardimento e muitos bombades, tachavam-no porem de seer escasso e apertamento de grandeza (15CDP:64) [<i>...embora o Rei Dom Afonso fosse bem dotado de coragem e de muitas bondades, tachavam-no, apesar disso, de ser escasso e mesquinho</i>].
Séc. XVI	O uso do <i>porém</i> com valor adversativo é crescente e o antigo emprego de seu valor etimológico (advindo do advérbio latino proinde) é praticamente extinto. As amostras coletadas nessa época já aproximam o <i>porém</i> do protótipo de uma conjunção coordenativa adversativa, tal qual como é conhecido hoje.
	Ex.: No tempo dos ponentes he muy quieto e abrigado porem nos dos leuantes disem que he sogeito a grandes mares por onde neste tempo seraa melhor surgir ao longo do lado daloeste (16MNS:327) [No tempo dos poentes é muito quieto e protegido, mas nos nascentes dizem que está sujeito a grandes nares...]

Fonte: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs.). **Introdução a Gramaticalização**: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CONCLUSÃO

Ao se propor aqui entender o processo de gramaticalização das palavras como ele o foi feito nesse artigo é partir da análise específica aqui registrada como - o percurso da gramaticalização nas conjunções em língua portuguesa - dentro do campo da Lingüística é antes de tudo dialogar com as causas gerais que compreende o ensino das línguas no país.

A idéia aqui não é resolver uma série de mal-entendidos que pairam o ensino das línguas; nem tampouco dispor receitas ou um manual de como analisar o processo de mudança das palavras; não se quis aqui também, dispor apenas uma leitura coloquial desses elementos aqui discutidos. O que se tem aqui é uma motivação ao pensamento, é o desafio do saber como um todo.

Fazer inimizade com a ordem, com a clareza, com a uniformidade, com o mecanicismo, com o que está pronto e é oferecido pronto de uma ponta a outra do ensino das línguas. Gramaticalização aqui se torna o ponto de partida para uma discussão ampla, o estopim para lançar-se a velha premissa ainda não resolvida nesse campo do saber que é a ausência de diálogo entre a Lingüística e o ensino das línguas.

De maneira que até mesmo o leitor munido apenas do censo comum encontra nesse material a todo o momento a expressão dessa angústia pouco discutida e pouco debatida nos espaços acadêmicos de Sergipe, o que valida e dá devida importância aos escritos aqui expostos e de forma provocativa alcança os objetivos iniciais outrora pressupostos.

O percurso da gramaticalização nas conjunções em língua portuguesa, mais proximal e convincente; permite caminhar pelos conceitos fundamentais ainda mal alicerçados no campo do ensino Fundamental e Médio; abre caminho para o conhecimento específico do processo de mudança das palavras; exemplifica; e concretiza o espaço de diálogo entre a Lingüística e o ensino das letras como já dito.

Assim sendo, entre o período de gestação deste artigo metodologicamente fundamentado na revisão de Literatura que rege tal discussão e o nascimento do que se encontra, estabeleceu-se maturidade científica e teórica para o que se chama agora finalizado de “fonte de pesquisa” para alunos e professores da área das Letras em Sergipe que lidam e ou lidaram com a problemática aqui discutida.

Contribuição teórica embasada, atualizada, revisada e de fácil acesso aos que formam ou fazem parte dos espaços acadêmicos das Letras, proposto, suscitado, provocado e discutido. Não esgotado, mas iniciado como gérmen para os que desejam sobre o tema debruçar-se.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Ataliba T. de. **A gramaticalização**. In: Estudos Lingüísticos e Literários. N° 19. Mar 1997.

COSERIU, Eugênio. **Sincronia, Diacronia e História**: o problema da mudança lingüística. Rio de Janeiro: Presença, São Paulo: USP, 1979.

José de NICOLA; Ulisses INFANTE. **Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ed. Scipione, 1997.

FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Lingüística**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs.). **Introdução a Gramaticalização**: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NEVES, Maria Helena Moura. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. **Reflexões sobre a pesquisa em mudança lingüística**. In: Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. Vol. 10. N° Especial, 1994.

William Roberto CEREJA; Tereza Cochar MAGALHÃES. **Gramática Reflexiva**. São Paulo: Ed. Atual, 2005.